

entreaberta

(*sf.*) ato de entreabrir;
descobrimento do céu
em um dia enevoadado.

entreaberta

BRASÍLIA
2011



PATRÍCIA DEL REY
BRASILIA, DF, BRASIL

A natureza multifocada da ventania vermelha sobre a cidade cinza rega esse substântivo feminino. Ora poeta, ora atriz. Adjetivar é sempre uma propaganda enganosa.

[VISUALIZAR MEU PERFIL COMPLETO](#)

[POSTAR COMENTÁRIO](#)

[HTTP://ENTREABERTA.BLOGSPOT.COM/](http://entreaberta.blogspot.com/)

FICHA CATALOGRÁFICA

[HTTP://ENTREABERTA.BLOGSPOT.COM/](http://entreaberta.blogspot.com/)

entreaberta
(*sf.*) ato de entreabrir;
descobrimento do céu
em um dia enevoadado.



Dedico este livro à

Lisbela e Luiz Vitor, meus pais

Minhas irmãs e a Vovó Lúcia.

E aos amores perecíveis.

AGRADECIMENTOS:

Andaime Cia de Teatro, por transformar a poesia em cena.

Henrique Rocha, por organizar o meu caos.

Jupira Correia, por corrigir os meus erros.

Rafael Braga, por desenhar meu livro.

Cauê Maia, por espalhar as poesias no concreto.

Nicolas Behr, pela inspiração constante.

E a todos os leitores que comentaram no entreaberta.

QUER COMENTAR?

O livro continua sendo escrito virtualmente.

Basta acessar o blog entreaberta.blogspot.com e

adicionar os seus comentários na postagem escolhida.

Sumário

PREFÁCIO	11
BRASÍLIA É UM DESERTO DE ROSTOS CONHECIDOS	12
ESTILHAÇOS	13
CIMENTO URBANO	14
TRANSE	16
PÉS FORTES, PASSOS LARGOS. RUAS SEM ESQUINAS.	
UM CORAÇÃO QUE PULSA.	17
AQUI AS FLORES NASCEM DO CONCRETO	18
REPARTIDA	19
A VIDA É ESSE EMARANHADO DE NÓS	21
QUEBRA-CABEÇA	22
DURANTE A SEPARAÇÃO:	
ELE FICOU COM A CLASSE, ELA COM O COPO	23
VIDE BULA	24
AO MEU DESCONHECIDO	25

BAILE DE MÁSCARAS	26
ANTES DE PARTIR	27
QUERER: VERBO TRANSITIVO - VERBO INTRANSITIVO - SUBSTANTIVO MASCULINO	29
COSTURA	30
DISSONANTE	31
PRÍNCIPE DA ILHA	32
VÊNUS EM ÁRIES	33
PRAZO DE VALIDADE	34
ESTAMPARIAS DE AZULEJOS	36
BARBA	37
VERSÃO FINAL	38
 COMPRA-SE AUTOESTIMA E CONCENTRAÇÃO. PAGA-SE BEM. ...	41
1º CONTO ERÓTICO	42
SAMBA	47
... ..	48
TAKE 1	49
3X4	50

CANALHA	51
MEUS POEMAS PODEM MENTIR, MINHA BOCETA NÃO	53
ERA CEDO, ERA SÁBADO.....	54
ESTRANHA, ESTÉRIL. MUDA. NENHUMA LINHA SEQUER.	58
SER AMBÍGUO DESLIZANDO SOBRE UMA CORDA BAMBA.....	59
MENSALMENTE	61
ÁGUA NOVA	62
ATO DE DEPILAR I	63
TAKE 2	65
AS MINHAS RETICÊNCIAS SÃO TRÊS PONTOS FINAIS	67
URANO CONJUNÇÃO SOL	68
PARA MINHA VÓ ALARANJADA	69
DESCALÇA	72
SUBTEXTO	73
DOLORIDA	74
DESABAFO	75
POSFÁCIO	77

Publicar um livro
é se despedir
das poesias usadas.

DOMINGO, 14 DE AGOSTO DE 2011

Prefácio

Cinco anos. É a idade do blog entreaberta. Um espaço virtual de construção diária: fantasias quase verídicas, realidade manipulada, desconhecidos íntimos. É o meu mundinho egoísta. Uma fresta. A minha fresta. Com a porta entreaberta. Entra quem quer. Quem se faz parte necessária. Quem entende o valor do perecível. Quem a encontra nas madrugadas frias, enquanto sente a dor de sábado na frente de um computador.

Um blog é frágil. Agrega a covardia também. Basta clicar no botão, e extermino todas as partes. Viro lembrança, página não encontrada. Eu apago a poeta que existia ali. Assumir um livro é outro passo. É estar na prateleira, etiquetada, embalada pra presente. É se por à prova. Tatuar letras permanentes. Imprimir uma parte de si. A parte escolhida. Marcar o tempo que passou. É ser palavra sem prazo de validade. Assumir os erros poéticos. Aceitar o receio do olhar perante a pele marcada. É ter coragem imbuída nas entranhas. Aprovar os seus defeitos na frente do espelho. É assumir um casamento até o fim.

Esse livro é uma soma de textos publicados no blog, de comentários dos leitores, de stencils pintados nas tesourinhas, de cenas e músicas criadas para o espetáculo Poéticas Urbanas. Está tudo misturado nas páginas seguintes. A cidade, o amor líquido e o feminino. São mulheres passageiras de um inferno particular. Poesias transformadas em cenas ocupam as ruas desertas. Tudo é romance, Brasília é poesia concreta.

ESCRITO ÀS 17H13:00 0 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: LIVRO



Brasília

é um deserto
de rostos conhecidos.

DOMINGO, 20 DEZEMBRO, 2009

Estilhaços

Memórias, restos, passagens. A cidade nos habita, a cidade modifica. Mapas infinitos, redesenhados. Outras imagens, que se sobrepõem às anteriores, que trepam com as posteriores, que amam as subsequentes. Somos peças de andaime confundindo os contornos e os traços. Há um deserto formado por vias expressas, monumentos brancos e ipês amarelos. A velocidade diminui a superfície de contato. Sou extrato desse cimento que modifica e empedra os pedaços de alma.

Engarrafada, enfeitada de luzes, a cidade veste seu colar de brilhantes e rubis. A fumaça dança sobre o meu corpo costurado. Aperto um, dois, três...fogo! Há apenas uma fila muda. Os sinais alternam suas cores e alimentam os penosos pardais. Eles medem os passos, sugam o desejo e tiram fotografias. Todas essas setas confundem os meus caminhos. E encaminho as minhas dores por email. Cadê você que não responde minhas letras?

Carros parados, ônibus lotados e pés descalços. A chuva benze todas as peles secas. Da poeta marginal ao engravatado. Os urbanóides procriam expectativas, agarram ilusões e insistem em misturar água e óleo. Meus vôos exigem pousos. Não posso caminhar nesse asfalto quente. Preciso que algo me impulsiona para longe do eixo.

ESCRITO ÀS 01H39:00 O PONTO DE VISTA

MARCADORES: BRASÍLIA, POESIA.

SEGUNDA-FEIRA, 06 OUTUBRO, 2008

Cimento Urbano

Toque: ato ou efeito de tocar; contacto; pancada; percussão; som; ato de tocar instrumentos; som que determina a execução de operações ou manobras militares; sabor ou cheiro especial de certos vinhos; vestígio; inspiração; esmero num trabalho artístico; aperto de mão como cumprimento; mancha que constitui indício de apodrecimento na fruta.

É triste. O tempo escoou esse substantivo masculino. Não sei se saiu de moda ou se foi deletado sem querer. O certo é que cada vez mais estamos imbuídos em uma solidão eterna. Nós vivemos no mundo embalado a vácuo. Eu não sei tocar, não sei ser tocada. Parece estranho olhando de fora. Porém é mais normal do que se imagina. Enquanto a visão sobra no mercado, o tato desapareceu das prateleiras. Talvez seja culpa em excesso. Falta de tempo. De apressado. De toque. De rasgos. De mãos. De internet.

Há algum tempo, olhando pelo espelho, descobri uma mancha cinza no meio das minhas costas. Era o começo dessa tal praga. De forma rápida, a mancha se espalhou pelo corpo e a pele ficou assim: coberta de cimento urbano. E não há chuva que consiga penetrar esse concreto. A cara feia, o bico mimado. Somos cobertos de um egoísmo covarde que envergonha a própria espécie.

Fechada - mesmo com a fachada aberta- é como se os toques não passassem de pequenos espasmos em corpos (des)conhecidos. Solitários, dirigimos nossos carros poluentes pelas ruas largas da cidade planejada. O contato é contagioso e há muitas peles doentes.

Será que esse era o plano? Uma cidade rodeada de monumentos brancos, o tempo seco e espaço. Muito espaço. Brasília expande a distância entre os corpos. É preciso sair, é preciso dançar, é preciso chegar perto. Ou você se reage ou a amplitude te afoga. Temos que martelar o concreto. Nos livrarmos dessa epidemia contemporânea e tocar. Mas como posso tocar?

Som das palavras soltas. Saborear o gosto de uma erva dividida. Cheirar a visita efêmera da chuva. E principalmente dialogar com as mãos. Cuidar para que elas não esmaguem. Para que elas não deixem escorrer. Arrancar a casca. A minha, a sua, a vossa. E se atirar de novo. Outra vez. E mais uma vez. E outra. E ter coragem. Ser Vinicius. Aceitar o vício. E abrir as pernas. E gritar de vez em quando.

Devemos agir rápido porque a doença está se alastrando. É preciso colorir essas peles acinzentadas. Eu ainda não sei remover a minha mancha. Nem dissolver o concreto. Mas acredito no poder das minhas mãos.

ESCRITO ÀS 21H33:02

MARCADORES: BRASÍLIA, CONTOS, UMBIGO.

DOMINGO, 31 MAIO, 2009

Transe

Um peito cheio de dúvidas atravessa a rua larga. Em que ponto, em que asa, em que eixo? Estou parada na quadra. E a cada passo, o bloco aumenta. Os números embarçam meus desejos. Talvez eu não consiga digerir direito o meu plano, só engano com os meus subversos.

ESCRITO ÀS 14H24:00

MARCADORES: BRASÍLIA, POESIA , UMBIGO.

1 PONTOS DE VISTAS:

r. disse...

Eu subo. E domingo é o dia que não se deixa confundir.

domingo é domingo.

31 DE MAIO DE 2009 16H42

SEGUNDA-FEIRA, 22 DEZEMBRO, 2008

Pés fortes, passos largos. Ruas sem
esquinas. Um coração que pulsa.

Minhas lágrimas são poemas que brotam em manhãs cinzas. A beleza dos olhos surge das noites perdidas. E se meu coração grita, é porque gosto de gritar. Não me venha com esse olhar de coitadinha. Porque das minhas cicatrizes, cuido eu. É a dor o que eu tenho de mais verdadeiro. Ela não só move meu mundo, como acelera os meus passos. Eu sou o eterno beijo que está para acontecer. Se não te agrada, mude de calçada.

ESCRITO ÀS 16H56:00

MARCADORES: BRASÍLIA, UMBIGO.

1 PONTO DE VISTA:

pree disse...

posso usar o “mude de calçada?”

inspiradora, tu.

22 DE DEZEMBRO DE 2008 23H04

SEGUNDA-FEIRA, AGOSTO 09, 2010

Aqui as flores nascem do concreto

ESCRITO ÀS 21H56:00 3 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: BRASÍLIA, FRASES, POESIA, STENCIL.

DOMINGO, 01 FEVEREIRO, 2009

Repartida

Meu coração é uma soma
de todos os pedaços doados
pelas ruas sem esquinas.

É ausência de
um pulsar específico e constante.

É a mistura de sotaques
que se instala num peito
vazio e grávido.

Cresce a cada rima,
se despede a cada encontro.
Embalada para presente.
Ao viajante, outra parte.

Repartida. Reticências.
Mais uma vez...
Meu coração, não é meu.

ESCRITO ÀS 03H46:00

MARCADORES: BRASÍLIA, POESIA, STENCIL.

2 PONTOS DE VISTAS:

Jardineiro disse...

Asas.Voos. Brasília entra pela porta entreaberta. Desperta.

Quanto ao coração? Não se preocupe. Ele foi apenas passear.

3 DE FEVEREIRO DE 2009 12H06

dudupererê disse...

vida de coração é doída..

o meu de tanto apanhar parou de bater, só peças, pessoas.

ótima passagem.. volte.. paire...

6 DE MARÇO DE 2009 13H39

TERÇA-FEIRA, 07 SETEMBRO, 2010

A vida é esse emaranhado de nós

ESCRITO ÀS 23H54:00 1 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: FRASES, STENCIL.

1 PONTOS DE VISTAS:

Camila disse...

nossa senhora desatadora de nós... ela existe, e é linda... segurando vários fios na mão.

8 DE SETEMBRO DE 2010 11H57

QUINTA-FEIRA, 01 JULHO, 2010

Quebra-cabeça

o aluguel não foi pago, o contrato foi suspenso. Não adianta ter chave, nem conhecer o porteiro. Sou impedida de entrar. Não existe mais cama, travesseiro ou seu beijo na madrugada. A nossa casa virou um enorme quebra-cabeça com peças perdidas. Os sonhos foram empacotados e mandados para fora do país. Você trancou a porta, me atirou pela janela. Agora estou submersa em férias intermináveis, doses de uísque, cigarros mentolados, baseados e afins. Entregue à cidade desconhecida, a mesma cidade que já foi minha. De outra forma, em outro estado. Eu sinto o gosto do concreto, eu rabisco poemas nas quadras. Consumo todas as filosofias de botequim. Agora sou apenas mais uma parte da cidade. A minha casa está em mim, todo o resto é deleite.

ESCRITO ÀS 11H03:00 O PONTO DE VISTA

MARCADORES: BRASÍLIA, CONTOS, NOTAS PARA UM ROMANCE.

Durante a separação:
ele ficou com a classe,
ela, com o copo.

QUARTA-FEIRA, 27 FEVEREIRO, 2008

Vide Bula

É recomendado pros fortes. E também pra os que precisam perder o medo de altura. Aos que tiveram problemas no coração, mas fizeram a gentileza de esquecê-los num lugar do passado. Para os que gostam de poesia, pipoca e pornografia. Aos católicos, ateus, judeus, budistas e evangélicos. Para as virgens, pras putas. Brancos, amarelos, negros e verdes com bolinhas roxas. Aqueles que sofrem da ausência de brisa e excesso de tempestades. Ideal pra qualquer pessoa. Combate a problemas de autoestima. Apatia. Frieira. Apagador de mágoas. Criador de sonhos. Remédio infalível em caso de tédio profundo ou intoxicação por excesso de lágrimas em madrugadas frias. Perfeito pra solidão de domingo e festas chatas de sábado. Droga muito rara - difícil de ser encontrada. Deve ser dosada ao gosto do paciente: pra uns, o vidro todo num gole só. Pra outros, pequenas doses diárias ao entardecer. O medicamento reage rápido. Costuma dar uma vontade enorme de andar de mãos dadas, de inventar apelidos clichês e fazer programas de índio. Efeito lisérgico. Cara de bobo. Felicidade instantânea. Acarreta um estado de insanidade temporária. É recomendado durante o tratamento, o ato de dormir de conchinha todos os dias e aproveitar cada segundo perdido. Não se sabe ao certo quanto tempo a droga dura e qual o nível seguro de sua absorção. Em caso de dúvida, saboreie. Sorria. Vai saber quando você encontrará outro frasco desse perdido na farmácia?

ESCRITO ÀS 15H26:00 6 PONTO DE VISTA

MARCADORES: CONTOS.

SÁBADO, 11 AGOSTO, 2007

Ao meu desconhecido,

Eu me exibio para rostos anônimos que percorrem as páginas desabitadas. Letras miúdas. Rimas perdidas. Em passos ingênuos, sigo sem calçadas. Eu reboło a minha poesia solta. Tento prestar atenção em cada número que se apresenta e, entre somas e subtrações, me divido em setores. Fecho os olhos para amplitude. Me deparo com o desconhecido. De cara velada, um anônimo me dá a sua mão. Corta os meus pés. Rouba os meus pertences. Ele me obriga a desaprender a tal matemática. A questionar as tesourinhas desprovidas de sentidos. Em padrões circulares, humanos conduzimos a vida. O anônimo pede um desvio. Faz cócegas no meu ego inflado. É no escuro que eu busco as pistas íntimas. *Quem é você que me lê ai do outro lado?* Abro os olhos, engulo a realidade:

"Quando a gente não sabe onde pisa, é sempre melhor ficar de letras caladas."

ESCRITO ÀS 01H11:00

MARCADORES: CONTOS.

1 PONTO DE VISTA:

Anônimo disse...

Cria coisas só para me mostrar.

Ah, então estamos lidando com uma artista fã do anonimato?

11 DE AGOSTO DE 2007 12H46

QUARTA-FEIRA, 25 JUNHO, 2008

Baile de Máscaras

Acenaram as mãos.

Sem intimidade.

Sem contato.

Sem cheiro.

Sem retrato.

Sem beijo.

Sem gemido.

Sem verdade.

Sem sentido.

Sem estilo.

Encenaram as mãos.

ESCRITO ÀS 12H56:00 10 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: POESIA.

QUINTA-FEIRA, 29 OUTUBRO, 2009

Antes de partir

Fica esse gosto seco na garganta. As palavras embolam, as decisões tardam. Não quero partir. Não quero ir embora. Quero mais uma rima, mais dez gozos, mais quatro colheradas. Deveria ser uma louca que sequestra, que espanca, que te obriga a decidir por mim. Deveria sim, publicar todos os líquidos escorridos nesses últimos meses.

Acusada por olhares superiores, minha pornografia barata. Deveria estampar a minha dança sobre o teu pau rígido. Uma, duas, dezenas de vezes. Me derreter sobre teus braços para ganhar a batalha. Ir longe, submersa. Rasgar qualquer fresta descuidada. Você deveria ser meu, irremediavelmente.

É tarde para recomeço ou suicídios. Você invade as minhas palavras. Presa entre as letras, a mulher que não sou. A dor que escondo, o filho abortado. Há pedaços em todas as cidades que se deve partir. Não se preocupe. A tua outra parte, segura e pré-estabelecida, cuidará das tuas tempestades.

E quanto a mim, lembrança tola, sou cidade esquecida.

ESCRITO ÀS 00H39:00

MARCADORES: BRASÍLIA, CONTOS, NOTAS PARA UM ROMANCE.

2 PONTOS DE VISTAS:

Talita disse...

Partir não é um bom verbo pra se conjugar, mas às vezes, sem que queiramos, somos obrigados a escolher um só caminho e seguir em frente. Mesmo que com linhas tortas e palavras mal acabadas. De todos os líquidos derramados? Levo comigo o doce rastro da canela

5 DE NOVENBRO DE 2009 00H21

well disse...

tenho receio de ler textos de quem conheço e achar horrível. Contudo, depois de te vê translúcida, não vou mentir: seus versos me surpreenderam da melhor maneira possível. Com você não preciso fingir ser burro. Onde colhestes estes versos de prosa, tão lindos, tão lindos! Escolhi a música À Janela, de Roberto Carlos enquanto lia você.

5 DE NOVENBRO DE 2009 01H37

SEXTA-FEIRA, 13 JUNHO, 2008

Querer: Verbo transitivo - Verbo intransitivo - Substantivo masculino

Dialogar com teus olhos

beijar seus cabelos

os pêlos nas minhas coxas

você me deixando frouxa.

tua barba na minha nuca

teu gosto no meu umbigo

teu som no meu ouvido

quero muito mais,

muito mais do que a gente tem sido.

ESCRITO ÀS 19H03:00 10 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: POESIA, LA VALENTINA.

SEXTA-FEIRA, 6 NOVEMBRO, 2009

Costura

A chuva sorriu para palavras espalhadas sobre a cama. Havia adjetivos, verbos e dois sujeitos ocultos. Teu lençol sorvia o sangue do nosso herdeiro. Era tinta, era poema. Desajeitadas rimas beijavam suas pintas diariamente redescobertas. Como não conjugar você entre as minhas pernas? Café, uísque e chocolate meio amargo. Meu cheiro corria para o céu da tua boca. Derramava-me em litros. E durante dias, eu fiava o nosso encontro. Alinhavava decisões inúteis, escolhia texturas, pintava a face. Uma tecelã que costura a colcha durante toda a madrugada de retalhos. Unhas cravadas, suspiros de jazz improvisado. Tua pele brutalmente bordada sobre o meu seio esquerdo. Você, sublime e atrapalhado, amor. E todos os pormenores necessários para dançar as nossas incertezas nas ruas desprovidas de esquinas.

ESCRITO ÀS 11H26:00 2 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: BRASÍLIA, CONTOS, LA VALENTINA, NOTAS PARA UM ROMANCE.

SÁBADO, JULHO 28, 2007

Dissonante

Esperei da sua boca um som solto.
Um sopro. Ou uma sílaba qualquer.
Esperei um sinal. No corpo.
Na minha esperança de mulher.

Silêncio.

De ouvidos em pé, esperei sentada:
Corda, vozes, batucada e violão.
Perdendo o tom, quis ouvir ser amada.
Aguardando a mesma velha canção.

Silêncio.

Desejei a sua língua,
seus movimentos soltos.
E de tanta demora:
Quis te cortar o pescoço!

Silêncio.

O meu tímpano não está furado,
a sua boca não está em greve.
Por que você demora tanto.
Pra dizer o que me serve?

Silêncio.

ESCRITO ÀS 16H50:00 2 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: POESIA.

SEGUNDA-FEIRA, 11 AGOSTO, 2008

Príncipe da ilha

O que escrever de você, paisagem muda? Fica parado como dois de paus. Quieto no seu pedestal. Distribuindo sorrisos rápidos para as milhares de súditas abobadas. “Toda moça quer ser rainha”, diz a lenda. Pobre engaiolado, deve ser difícil ser alvo de tantas miras. Mas será que é por isso que você se permanece trancado aí em cima? Ou será medo de pisar no chão frio? Mas cadê o seu rugido? Cadê a mão debaixo do meu vestido? Cadê o fogo sem sentido? Nada. Você tem uma paz que me desconcerta. Plácido azul bebê. Sua selva é politicamente correta. Não há quedas, nem decidas. Você sempre mantém esses olhos calmos de brisa. Parece que foge de tudo que vibra, que tem cheiro e que é vermelho como eu. Cadê o humano adormecido nessa alma iluminada? Quero tua carne, mesmo que ela seja podre. Ver o seu lado mais feio. Cansei do teu meio. Quero teu excesso. Mas parece que o príncipe prefere continuar no seu reino seguro de tons pasteis. Quando é que você vai deixar que as minhas mãos imundas te apresente a liberdade? Vou abolir a monarquia, destruir o seu trono e te embriagar com a minha poesia vadia.

ESCRITO ÀS 12H51:00 0 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: CONTOS.

DOMINGO, 16 SETEMBRO, 2007

Vênus em Áries

Não gosto de pausas nem de três pontos desse tempo que se busca uma certeza para algo que já nasce incerto. Detesto o discurso pronto, revisado e sem nenhum erro de português. Prefiro saborear as rimas soltas. Poesias abstratas. Eu gosto das frases corridas - sem vírgulas ou respirações. Amores improvisados, vínculos imaginários e tendências suicidas. Se perder também é caminho. Uma tentativa, um risco e um pulo. Eu rabisco letras soltas por aí, pra quem sabe um dia, encontrar alguém que forme frases, desligue as reticências e me leia inteira.

ESCRITO ÀS 4H07:00

MARCADORES: POESIA.

1 PONTO DE VISTA

Anônimo disse...

É lindo demais e é fácil demais colocar minha cabeça pra funcionar. Eu entro aqui. E fico... e fico... e olho as fotos, e reparo nas cores, passo a mão pela sua respiração que ficou perdida aqui. Procuro em tudo seus três pontos íntimos. Tiro a sua roupa, desenho mais bolinhas, reparo tudo até embaixo. Descubro seu ponto g, assim eu acredito, e toco nele quando escrevo. Com um só efeito contrário: sou eu quem gozo.

19 DE SETEMBRO DE 2007 22H09

DOMINGO, 21 OUTUBRO, 2007

Prazo de Validade

Sabia que ia ser rápido, afinal você era daqueles amores perecíveis. Tipo orgânico: alto e tesudo. O ultimo pedaço do bolo de chocolate. Esses que devem ser consumidos logo que se abre a embalagem, porque senão vem outra e come. Eu comecei pelas beiradas, lambendo a cobertura com gosto. Devorando aos poucos, sem muita pressa e saboreando tua boca carnuda. Parte por parte da minha refeição favorita: homens como você. Acho que foram umas 7 ou 8 mordidas em noites espaçadas, ou seja, pouco tempo pra ficar de barriga cheia. Talvez tenha sido esse o meu problema, o meu enorme apetite. Quis te comer aos poucos, um pedaço por dia. Mas o teu prazo de validade era curto. Muito curto. Você gosta de ser devorado por bocas diferentes diariamente, já eu gosto sempre do mesmo prato. Então foi isso, um dia virei pro lado e outro gato safado já tava comendo o meu pedaço de bolo.

ESCRITO ÀS 17H57:00

MARCADORES: CONTOS.

2 PONTOS DE VISTAS:

o bolo disse...

Não me importo em ser um pedaço de bolo. Com cobertura. Perecível. Que diga que eu devo ser consumido logo senão vem outra e come, também não me importo, pois os papéis já foram inversos e disso você sabia muito bem, inclusive defendeu tal postura por aqui mesmo. Não, o problema não foi o apetite, mas sim a ótica: um pedaço de bolo do seu tipo favorito, pra satisfazer a sua fome. É essa a imagem que você tem de mim. Mas e a minha fome? E as minhas vontades? Talvez eu tenha prazo de validade. Talvez eu já estivesse estragado. Talvez tenha sido até melhor não comer mais, pra não ter uma congestão. Mas sou senhor de meus granulados e meu recheio, e me dou a quem bem entender. Afinal, o pedaço não era seu. A festa acabou, e o bolo também. A amizade não precisa.

Beijos sinceros.

27 DE OUTUBRO DE 2007 14H38

ooPs disse...

se não acabasse o bolo acabaria a fome... a vida é assim.

29 DE OUTUBRO DE 2007 22H18

SEGUNDA-FEIRA, 16 FEVEREIRO, 2009

Estamparias de azulejos

Acordei com dor de cabeça. Passei os olhos desatentos sobre o jornal. Tomei um café frio e comi o pedaço, igualmente frio, de uma pizza de ontem. Era tarde. Havia louça por lavar. Havia roupa por estender. Havia comida por fazer.

Preferi o silêncio da chuva rala que molhava a janela.

A ausência se fazia presente em cada tom dos azulejos azuis dessa cozinha, por arrumar. E eu não entendia você.

Encostado no balcão, com as ironias de sempre, de braços abertos, pedindo poesia pra sobremesa. Uma letrinha qualquer, uma rima solta. *"Apenas mais um gole do nosso passado que está por vir, querida."*

Metáforas são pimentas nos olhos. O tempo nem sempre escorre pelas beiradas. Às vezes, um amor não passa. Deixa desejos que pulsam entre os olhares escondidos num bloco de carnaval carioca.

Você sabia que eu não gostava do sorriso dela. Era falso, exagerado, estranho. Aquelas mãos de dedos finos e brancos apresentavam um cheiro de anticéptico irritante. Politicamente correta, a tua perfeita.

Enquanto nesse tempo todo, ela tinha a chave da casa, eu tentava arrombar sua janela. E agora, você decide virar estamparia do meu azulejo?

ESCRITO ÀS 20H49:00 4 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: CONTOS.

TERÇA-FEIRA, 17 MARÇO , 2009

Barba

Obscena, se enrosca sobre a minha pele enquanto durmo. Caminha nas pontas dos pés, e me morde o pescoço. Lambe as costas, beija as dobras, arranca o juízo. Você e a sua juba imensa, entrelaçada, aos meus pedaços.

Cheia, felpuda, grisalha.

Naquele quarto suado, as mãos ainda abraçam os corpos. O cheiro se espalha por toda a casa. Nossa cortina improvisada exhibe o show para os vizinhos.

Você, enorme, dentro de mim. E eu, fazendo o café da manhã.

ESCRITO ÀS 12H21:00 O PONTO DE VISTA 

MARCADORES: CONTOS, LA VALENTINA, POESIA.

SEXTA – FEIRA, 03 SETEMBRO, 2010.

Versão Final

Quantas outras pessoas devem estar, nesse momento, conectadas? Somos apenas mais duas almas estranhas que caíram numa teia lotada em pontos diferentes no meio do globo terrestre. Você, que teve seu cheiro lambido por mim, agora é uma imagem bidimensional na tela.

A pele enlouvece a razão. Um email, uma mensagem, o apito do skype. Ela espera velada que o mesmo furacão invada a sua vida por aqui. Já ele, escondido na madrugada, deixa a mulher no quarto vazio e caminha nas pontas dos pés para o seu encontro.

Ao chegar a coloca em silêncio. Depois de quatro, de lado, de cabeça pra baixo. Escancara o amor dilacerado. Pede que ela navegue a câmera pelo corpo. Ela obedece. Sempre faz tudo que ele quer. É a tua gueixa, tua outra parte.

Lentamente exponho meus hematomas. Digo o quanto o amor tem me enlouquecido. Eu choro. As minhas lágrimas têm um gosto quente. Ele fala qualquer coisa como: colocar no colo, deitar sobre o seu peito, beijar a minha boca. Ele me mostra o seu pau duro. Diz que fica assim, toda vez que se lembra de mim. Tomo mais uma dose de whisky. Eu tiro a blusa, depois a calcinha. Fecho os olhos e escuto a tua voz preenchendo o meu quarto.

O cheiro dele reaparece entre as suas mãos. Em uma movimentação suave, os dedos dela desenham a boca. Percorrem o pescoço. E chegam ao meio, entre os seios. Opta pelo direito. Mostra a tal pinta escondida. Encostada ao bico, a sua pinta favorita, aquela que batizou com o nome dele. Não pára de olhar a tela. Seus olhos encaram o homem que correu dessas mesmas mãos para o outro lado do mundo.

O gosto dele alimenta o seu sexo. Ela observa atentamente os seus movimentos rápidos e contínuos. Tem raiva dessa situação. Pede para que pare. Ele não consegue

entender as suas idiossincrasias. Eram as mãos dela que deveriam benzer e massagear o seu ego. E não aquelas outras, as dele.

Sou a tua puta projetada a 12.000 km de distância. Levo o laptop para o banheiro. Posiciono a pequena câmera e ofereço um banho. Derramo todos os líquidos. Numa sequência clichê, eu me exibo pra ele. Troco qualquer certeza por esse homem. Os teus olhos embaralham as minhas lembranças.

Ele sempre oferecia uma dose. Difícilmente, ela aceitava. Gostava de beber no copo dele, como se o melhor condimento fosse sua saliva deixada na bebida. Quantas madrugadas eles brindaram juntos? Hoje ela bebia aqui, ele bebia lá. O whisky tinha sido presente dele. Era mais um dos agrados que ele deixara. Pequenos mimos espalhados pelo quarto na tentativa de tornar presente o impossível. Como o perfume que ela passava todos os dias desde a despedida. Uma gota em cada lado do pescoço, depois nos pulsos, no colo. Cheirava longamente aquele aroma do seu homem.

A água era misturada com desejo. Meus dedos são conduzidos por suas palavras. Um, dois, três. Os movimentos são transmitidos pela web cam. Repetidamente, eu suspiro o seu nome. Para que apareça, para que ele se descole da tela, para que me preencha de vida novamente. Tem um olhar desesperador, o pau ainda duro. Troco o chuveiro pela cama. Continuamos incansáveis. Ele também chora, mas prefere disfarçar. Diz que me ama. Que tudo vai dar certo. Boca seca, o coração trêmulo. De alguma forma, ainda somos os mesmos. E assim, com mares de distância, ironicamente, nós gozamos juntos.

Você acredita em amores intransponíveis? Ele dedilha a sua covardia no piano, ela canta uma esperança remota. É tarde demais.

ESCRITO ÀS 1H35:00

MARCADORES: CONTOS, LA VALENTINA, NOTAS PARA UM ROMANCE.

1 PONTO DE VISTA

Anônimo disse...

Muito bom!

Repassa arrepios, calor...

contamina as vontades

(e me deixa de pau duro)

20 DE OUTUBRO DE 2010 13H55

652

Compra-se
auto estima e concentração.
Paga-se bem.

TERÇA-FEIRA, 10 FEVEREIRO, 2009

1º Conto Erótico

Era quarta-feira. Um dia antes de começar o carnaval. E nossos corpos estavam sedentos de contato, suor, cachaça. A fantasia ficou pronta às duas da tarde. Éramos oito mocinhas fantasiadas de biquíni preto de bolinhas brancas. Num visual retrô bem moderninho, seguíamos à procura de um bloco pré-carnavalesco que saiu na Praça General Osório.

Engraçado que ao encontrar a folia, já três das bolinhas foram abduzidas por uns marinheiros do Rio Grande do Sul. Eu e as outras continuamos a nossa caminhada entornando caipirinhas, beijando desconhecidos e cantando marchinhas de carnaval.

Na metade do bloco, começou a cair o céu. Era água para todos os lados, a gente nadava e se amassava com qualquer um. Lembro que estava aos beijos com um palhaço carioca, quando a mão da Carol me puxou e entramos as duas em um pub irlandês. A Carol ainda não tinha desenvolvido a técnica de fazer xixi em qualquer lugar, e achou que a Irlanda seria uma boa opção.

Ao entrar no bar, encharcadas e com um palmo de tecido preto de bolinhas brancas, cobrindo o corpinho, viramos alvo de todos os olhares da plateia. O lugar estava atolado de gringos branquelos, casaizinhos sem sal e um barman delicioso.

Enquanto a minha amiga correu para sua redenção, eu tratei de sentar no balcão e pedir uma caipirinha de morango com gengibre. Adoro gengibre e todas as suas variações. O barman amassava as frutinhas, enquanto eu jogava charme fazendo perguntas idiotas.

Tinha um sotaque de paulista e um corpo super definido. «Quantas horas ele devia perder na academia pra ficar daquele jeito? Um homem desse só serve pra trepar mesmo... Alias deve ter um fôlego! ». Tenho que admitir que depois das várias doses entornadas no bloco de carnaval antes de chegar à Irlanda, fez com que esse fato - de só saber trepar - já me deixasse bem atigada.

Meu drink ficou pronto, minha amiga chegou. Rapidamente, Carol foi convencida pela bunda de Rodrigo (ou seria Marcelo?) que deveríamos esquecer o lamaçal carnavalesco e nos mantermos ali, assediando a apetitosa caipirinha da noite. Descobrimos no terceiro copo que Marcelo (ou seria Rodrigo?) tinha se mudado para o rio há dois anos, era formado em direito e acabara de romper um namoro conturbado com uma menina qualquer. O barman gostoso estava triste de dá dó, e nós duas, subindo pelas paredes.

Algumas horas depois estávamos íntimas da nossa presa, e ele fazia questão de não demonstrar preferência por nenhuma de nós. Atencioso, jogando charme e entupindo a gente de cachaça, a noite foi passando depressa. De repente, só estávamos eu e Carol no pub. Uma moça acabando de passar o pano no chão, e os garçons indo embora. Rodrigo (ou seria Marcelo?) tinha a obrigação de trancar o estabelecimento e pediu pra gente esperar.

Puxei minha comparsa num canto. O que faríamos com um homem daquele tamanho, e ainda por cima carente? Sugerir a divisão de irmã. Tinha certeza que ninguém ia sair no prejuízo e Carol não era avessa a mulheres: era daquelas pessoas que morrem de vontade de experimentar, mas não tem coragem de dar o primeiro passo. Expliquei que isso era uma bobagem, ainda mais depois da quantidade de álcool que tínhamos no sangue. «Pra que pensar no amanhã, quando o hoje tá de pernas abertas?»

Às vezes acho que devia ter sido publicitária. Joguei um pouquinho da minha filosofia barata de boteco e Carol estava convencida, apenas me pediu para eu manter a minha boca longe. «Nada de lambeções!», disse meio que nervosa, meio que excitada. Bom, dei uma risada e continuei o plano.

O Marcelo voltou da cozinha e pediu pra gente fechar a conta. Pagamos 45 reais e 72 centavos. A medrosa da Carol começou a se despedir de Rodrigo, e eu via a chance do ménage dos sonhos escorrer pela privada. Precisava fazer algo muito rápido. Foi aí que soltei o convite pra esticarmos a noite no meu apê alugado em Botafogo. O Barman olhou pra mim com os olhos brilhantes. E cinco minutos depois, estávamos andando os três pelo calçadão.

Chegamos à minha pequena casa. Mais vodca, jazz na vitrola e um sofá de couro branco. Surpreendo Carol com um beijo, Rodrigo enfia a sua língua dentro da gente. As mãos começam a dançar sobre os corpos e, as nossas fantasias de bolinhas enfeitam o chão. Três corpos nus, destituídos de regras e cobertos de vontades. Orifícios são lambidos, peitos abertos, mordidas aprovadas.

Uma língua macia me lambe, outra certifica meu batimento cardíaco. Beijos são trocados numa variação rítmica intensa. Meus dedos dialogam com os segredos de Carol, a minha boca busca sugar todo gosto de Marcelo. Minha alma pertence ao infinito. Entradas, saídas, encontros, despedidas. Tudo parece rodar sobre as nossas cabeças, naquele pequeno apartamento. O suor transforma um corpo em algo leve, liso e altamente adaptado ao outro corpo. Aos outros. Acende-se um incenso hedonista que abarca todos os recheios daquela sala.

Em pé, no meio, entregue. Ela beijava os meus lábios, meus ombros e meus seios. Ele lambia a minha nuca, mordida as minhas costas e me chupava incansa-

velmente. Fui desmontando até o chão, e aquelas bocas me seguiram. Conversavam. Arrancavam pedaços. As mãos dele puxaram o meu quadril, e me conduziam. Aberta, escancarada, eu recebia aquela benção. Travava o objeto do meu desejo entre as minhas pernas. Ele metendo com tal habilidade, num crescente, enquanto eu cravava as unhas pretas com força nas costas e o jazz tocava fundo.

Somos partes espalhadas sobre o chão. Somos líquidos escorrendo pelas paredes. Estamos sós, inteiros, submersos. Somos três vozes que ecoam todos os desejos do mundo.

Deveria ser onze horas da manhã, quando escutei a porta bater. Manhã de Carnaval. Marcelo/Rodrigo tinha se soltado do nosso emaranhado de corpos, e desaparecido. Carol permanecia pelada e apagada com a cabeça no pufe, e eu me levantei como pude, e fui pegar um copo d'água. Abri a geladeira, achei uma lata de coca, enchi o copo de gelo e encharquei minha ressaca. Sorri, sozinha, por dez minutos. Era carnaval.

ESCRITO ÀS 21H16:00

MARCADORES: CONTOS, LA VALENTINA.

4 PONTOS DE VISTAS:

Adalto disse...

Soberbo...

11 DE FEVEREIRO DE 2009 01H16

Klotz disse...

Agora que você já conhece o caminho que passa pelos pubs irlandeses, você já pode escrever o segundo, o terceiro e vários outros contos eróticos. Estimule sua veia publicitária, alguma grande agência irá contratá-la.

11 DE FEVEREIRO DE 2009 11H36

Anônimo disse...

sorriu sozinha por 10 minutos, e o pobre do barman chorou de saudade pelo resto da vida.

11 DE FEVEREIRO DE 2009 19H27

Daniel disse...

Esse conto é um atentado contra meu projeto de ser monge...

7 DE MAIO DE 2009 00H21

SÁBADO, 12 JULHO, 2008

Samba

Ele surgiu de repente,
calça xadrez e copo na mão.
Ela derretendo o fitava,
sem saber se chegava ou não.

Apressado, já fez o convite:
cama quente, lençol macio.
Um cuidado para moça fada
E um não para o moço vadio.

Depois veio outro encontro.
Rostos reconhecidos, nomes trocados.
E na mistura do acaso com desejo,
deram o primeiro de muitos beijos.

Poetas, boêmios e loucos
sussurros ao pé do ouvido.
Demonstrações públicas de afeto.
Pintura exposta no espelho do teto.

Poesia se faz com rima.
Amor com liberdade.
Ele vai voar pelo mundo.
Ela vai ficar na vontade.

ESCRITO ÀS 1H13:00 4 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: POESIA.

DOMINGO, 09 MAIO, 2010

. . .

Ver os fatos. Por pingos, exclamações e interrogações - tudo em seu devido lugar. Revisar as intenções, ler a realidade, encarar o problema de frente. E principalmente, deixar as reticências para os contos e afins. As malditas devem ser eliminadas - são elas, as culpadas - enganadoras de coração, criadoras de caso, abutres do passado. Matemos as reticências. Ponto por ponto. Friamente. Com luvas brancas de pelica. E depois do assassinato, voltemos a caminhar. O simples fato de pôr um pé após o outro. Perceba as cores desse equilíbrio instável. Aceite o esbarrão, o tropeço. Mas abra as mãos. Recicle seus pedaços. Desintoxique. Sim, esqueça as reticências, elas estão mortas. Não adianta. Volte a dançar com o acaso, coma todas as gentilezas por ai. Esse é o melhor perdão para frios assassinos.

ESCRITO ÀS 21:00:00

MARCADORES: CONTOS.

1 PONTO DE VISTA:

Carol disse...

Ponto final. Finais enterrados, e o passado. Quando o silêncio, e a pausa necessária para a reflexão (reticências). Quando se cala, cola e destrói o que não durou. Não há pecado em assassinar, afinal, o luto. Um pé e outro e novos pontos, como estrada que se abre. Suspensão do tempo (reticências). Do tempo suspenso: propensão aos tropeços, e deles, o acaso abrindo de novo o sorriso; braços salvos num esbarrão, e o suspiro trepidando de novo o coração. O assassinato é essencial porque purga, renova. Mas veja que, três enterros - três pontos, finais, enterrados -, reticências.

13 DE MAIO DE 2010 23H24

TERÇA-FEIRA, 25 NOVEMBRO , 2008

Take 1

(...) pingou a última gota do seu perfume favorito entre os seios e beijou o espelho de uma forma egoísta antes de sair do banheiro. Vestido preto balonê de tafetá, cabelos cuidadosamente bagunçados. A mistura borrada entre rímel e as noites mal dormidas. Tinha um visual desgastado encantador. Parecia à beira de um abismo quando sorria. A dor que impregnava sua pele a transparecia ainda mais idiossincrática. O que seria da mulher sem uma dor? Passou pela sala, desligou o som que tocava a mesma música de ontem. Caçou inutilmente a chave do carro. Revirou algumas bolsas, encontrou 10 reais e colocou em sua carteira vazia. Talvez fosse o momento de procurar um emprego fixo. Tomou um gole no gargalo da garrafa de Vodka e assaltou a chave-reserva em cima da estante. Desceu a escada apressada, entrou no carro bagunçado e acendeu um cigarro como companhia. Tragou e asso-prou com as mesmas ilusões banais. Lembrou de alguém que já devia ter esquecido. Errou duas vezes o caminho antes de chegar ao lugar marcado. Teve ódio de si. Suspirou fundo, olhou pra frente e voltou a dirigir de forma descuidada pelas ruas largas da cidade. (...)

ESCRITO ÀS 02H48:00

MARCADORES: BRASÍLIA, CONTOS, UMBIGO.

1 PONTOS DE VISTA:

Tatiana disse...

Adorei.vamos gravar?

25 DE NOVEMBRO DE 2008 18H39

SEGUNDA-FEIRA, 31 MARÇO, 2008

3x4

Todas e nenhuma.

Dentro de um pote,
fora da validade,
da Avon.

Em cima da estante
vermelha, estilo anos 20,
num filme PB de quinta.

ESCRITO ÀS 2H:25:00 5 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: POESIA.

Canalha

"Beije um canalha!" - ela disse de olhos fechados a si mesma no meio da madrugada. Nem nomes, nem poemas, nem perfumes. Apenas um corpo desconhecido e descabelado que introduzia sem pudor aquele gosto específico nos seus lábios secos. O sabor característico de uma espécie rara, quase extinta no mundo atual. O gosto de um canalha perfeito. Digo, desses autênticos. Rodriguianos. Tradicionais. Escorregadios. Com a voz rouca, cara de carente e as mãos macias. Um canalha de marca maior... Num primeiro momento, além de surpresa com a descoberta, ela ficou extremamente excitada com a possibilidade de ser transportada para um novo lugar. Ou melhor, um antigo lugar. Um lugar preto e branco. Nouvelle Vague com banquinhos e música francesa ao fundo. Não que ela fosse romântica, ainda mais com ícone desses ao lado, é que só conseguia imaginar tipos como esses nos filmes antigos. "Não é que canalhas existem?" Pensou enquanto esboçava um semi-sorriso de canto de boca. Não que ela fosse masoquista ou maluca. Pelo contrário, a constatação de que havia beijado o tal moço fazia dela a mulher mais feliz do mundo naquela pista suada de sábado. Era como se ela tivesse dançando abraçada com a verdadeira identidade secreta masculina. O estereótipo que tinha sido alertada tantas vezes pela sua avó, pela vizinha fofoqueira, pelas revistas clichês. Ali, ao alcance das suas mãos, um canalha! Bingo! Enfim, resposta certa! Nada mais de conversas doces, presentes doados ou um futuro delicadamente planejado. Mesmo porque, para os canalhas, o futuro não existe. O que existe é essa festa lotada, cheia de bocas e bundas, essa música gritando, a cerveja gelada no corpo quente. E cá pra nós, um homem desses não engana ou assusta as mulheres. Talvez garotas. Mas não mulheres. "Eu tenho medo dos cordeiros, e não do lobo mau.", ela repetia nos dias de caçada. E o que é um canalha, senão um belo lobo mau? Ele escancara sua fome, pede cafuné e te garante uma noite deliciosa se você permitir. "Sim... Mil vezes sim..."; sussurrava ao pé do ouvido transformando seu canalha em presa.

A música continuava alta, os corpos cansados dançavam e ela engolia lentamente seu par fora de moda. Carona, casa, quarto, cama, corpo, cansaço, canalha. “Qual era mesmo o nome dele?” – ela tentava se lembrar, no dia seguinte, esbarrando com o sorriso apaixonado do moço ao lado, que insistia em dar mais um beijo depois de uma noite quente na cidade gelada.

ESCRITO ÀS 15H25:00

MARCADORES: CONTOS.

1 PONTO DE VISTA:

Em defesa dos Sedutores disse...

O canalha é um mito. Só existe canalha quando vocês, senhoritas, são Santas. Uma coisa não existe sem a outra. O que existe, sim, são vagabundos que não fazem as coisas direito. Oras! Depois sobra pros cavalheiros que se recusam a vender gato por lebre sem abrir mão do romantismo. Santa pede Demo, Demo pede Santa. Diabo é coisa careta e redundante. Já existe o ser Humano. Pode haver coisa mais filha da puta do que isso? Agora pergunto e respondo a minha própria pergunta: Patrícia Del Rey é santa? NÃO. Patrícia Del Rey quer uma vaga no estacionamento exclusivo do Reino de Jesus Cristo Nosso Senhor Passa o Visa Amem? NÃO.

Graças a Deus. Você encontrou um cavalheiro de resposta. Os vagabundos que se cuidem. Bom te ver em plena forma, garota.

Cordialmente desconhecido,

Dom Casanova Enfilólio das Quebrada Braba.

20 DE JUNHO DE 2008 17H34

SEGUNDA-FEIRA, 13 OUTUBRO, 2008

Meus poemas podem mentir,
minha boceta não.

ESCRITO ÀS 11H03:00 6 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: FRASES, STENCIL.

SÁBADO, 31 MAIO , 2008

Era Cedo, Era Sábado.

"Demasiado, demasiado esforço. Imaginou a cidade lá fora, com gentes falando sempre alto demais, sem parar entrando e saindo dos lugares, bebendo, comendo coisas, pagando contas, dançando alucinadamente, querendo ser felizes antes da segunda-feira: urgente."

Caio Fernando Abreu

Era cedo, nem oito horas. Noite de sábado. Mais uma. Aquele dia que a única coisa que queríamos era ficar bem servidas na cama, em companhia de um bom filme do Bertolucci e com mãos habilidosas debaixo dos lençóis. Talvez alguns arranhões nas costas também seriam providenciais. Ela tinha nojo de sair nas noites de sábado. Os mesmos bares, esbarrando com as mesmas pessoas, a mesma babaquice de sempre. "Oi, meu amor! Como você tá?" - responderia com um sorriso falso e com uma vontade imensa de trucidar a voz chata que incomodava. Como ficar bem nesse mundo torto e sem graça? Ir pra alguma festa num dia desses é um verdadeiro atestado de burrice. Essa cidade está repleta de moleques por todos os lados que parecem brotar de chocadeiras históricas. Não. Não é só porque era sábado que se daria ao trabalho de tentar caçar inutilmente numa floresta vazia. Preferia ficar com seus autores favoritos. Quem sabe fumar unzinho pra relaxar. Ou se masturbar até o corpo dizer chega e depois olhar para lado e encontrar a cama vazia. O seu vazio de costume. Era cedo, nem oito horas. Daqui a pouco no telefone iria começar a pipocar ligações que buscavam informações de qual seria a boa de hoje ou o que ela iria fazer dessa noite estrelada. Talvez pior, algum ex-qualquer-coisa querendo relembrar os velhos tempos. Ela não costuma olhar pra trás. Preferia ficar onde estava: enrolada no seu edredom preto. Nua, sozinha e bem despenteada. Estava cansada de passar maquiagem nas noites perdidas, de olhar pra multidão faminta.

Desgraça. Por que não passamos da sexta-feira direto para o domingo? A verdade é que o fato não importava nesse momento. Domingo ou sábado, ela sabia que o vazio seria o mesmo. O vazio que não passava. Que impedia de se adaptar a essa cidade, a esse país, a essa vida. Por que pra ela não era tão fácil como para os outros? Por que esse romantismo babaca de história infantil? Por que ela não poderia dar uma boa trepada com qualquer um e esquecer-se do fato em seguida? Como todos os outros produtos, ela poderia consumir - instantaneamente e de uma só vez – noites avulsas de sexo. Tomando cuidado em descartar as embalagens depois do consumo. Politicamente correta. Por que não? Não era excesso de moralismo católico ou de novelas clichês: não frequentava a igreja, apenas de passagem, em casamentos e missas de sétimo dia. Acha o pé direito enorme e não suportava as cenas de torturas pregadas. A moça gostava do belo, mesmo que o seu belo fosse muito peculiar. E quanto à televisão, odiava o quadrado escroto: o som, a sequência das imagens, o consumismo desvairado, as mocinhas, a solidão pré-anunciada. Como se quando ligasse aquela caixinha saísse de lá um manual da felicidade urbana instantânea: compre, case, reze, beba, seja feliz. Definitivamente, a falta que sentia não era resultado da grande quantidade de merda inserida nesse mundinho. O vazio vinha de outro lugar qualquer, um lugar escondido, perdido, obscuro. Um lugar indisponível para noites de sábado. De qualquer forma, diariamente, ela procurava uma solução. Não acreditava na leveza ou na velocidade. Preferia o profundo a longo prazo. Já tinha chegado muito perto. Ela visualizava a sua meta, direcionava o foco, apressava a sua mão e na hora H, no momento que tudo estava pronto e ela tinha a certeza bem próxima dos seus dedos, ela se perdia. Com o sorriso infantil no rosto, e as mãos recheadas. O que parecia cheio, rapidamente se extinguia. E ela, de novo, era preenchida daquele vazio íntimo. O vazio que a impedia de ser igual aos outros, que impregnava seu rosto, que a visitava nestas noites. Mas era cedo, nem oito horas, e sábado sorria ironicamente para a moça nua enrolada num edredom.

ESCRITO ÀS 19H27:00
MARCADORES: CONTOS.

3 PONTOS DE VISTAS:

Um Alienigena no CCBB disse...

Saturday is a bitch, Sunday is a useless fuck...And friday? Well, forget about Friday...Friday is Monday's lie...

Put a merda.

Estamos cercados.

-Capitão?!

-Hum?

-Cercados!

-Foda-se. Vamos fumar esse gramado todinho até o cu fazer bico.

2 DE JUNHO DE 2008 16H57

um alienigena no SHS disse...

-Mas capitão?!

-que foi agora, por-ra...

-Jô soares suicidou, William Bonner suicidou, xuxa enlouqueceu e o planeta se fodeu!

-é um bom começo.

-pra onde vamos, capitão?!

-pra terra do nunca mais.

-e onde fica?

-na esquina da terça com a quarta...tem um bar aberto até tarde... cheio de humanoides felizes.

-felizes, capitão?!

-Felizes, soldado, como a tua mãe quando viu essa tua cara de joelho pela primeira vez. Coisa de doido.

-não entendi, senhor!

-é que neste bar ninguém se enxerga, ninguém se vê. Aboliram a merda do julgamento...Que coisa mais incrível! Querem apenas ouvir a maravilha do coração redistribuir as cartas por todas as esquinas de uma escolha.

-interessante, senhor!

-você me deprime, soldado.

7 DE JUNHO DE 2008 03H56

blueher disse...

O tal do vazio é uma música do sigur ros em um dia frio como de hoje, com cabelos molhados e as olheiras fundas de tanto cansaço por não dormir. O vazio é tanta coisa. O vazio não cura com uma boa trepada sabe por quê? O vazio quer é abraço de conchinha, quer um cheiro característico, quer ficar nu ao seu lado num dia de sábado assistindo filme ruim, filme bom. Na verdade o vazio quer é ser mimado e não comido. Mas ele nos engana. Finge que quer chocolate, que quer cerveja, que quer farra, que quer sexo. Mas não adianta. Ao fazermos isso ele sufoca e grita.

Dáí dos gritos, teclamos letras em sites como esse. Que é cheio de vazios que por aqui pelo menos, no meu vazio azul me completam.

15 DE JUNHO DE 2008 22H01

DOMINGO, 5 ABRIL , 2009

Estranha, estéril. Muda.
Nenhuma linha sequer.

ESCRITO ÀS 00H25:00 3 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: FRASES.

SEXTA-FEIRA, 25 SETEMBRO, 2009

Ser ambíguo deslizando sobre uma corda bamba

Avião. Três horas e meia de voo. Desconfortável. Outra fuga, outro planeta. Escondida no Acre. Mais um fim de semana longe da sua cidade. Estará excessiva de si. A cabeça aqui. O coração aqui. E ela lá, no meio do nada. Terá uma puta crise sentimental naquele banheiro antigo. Vai querer ser levada para longe. Pedir uma decisão dos céus. Escrever mil palavras impronunciáveis. Como pode misturar tudo no mesmo balaio? Ela passa despercebida no meio da multidão enquanto as suas enormes listas de possíveis melhoras são escritas sobre o asfalto. Atenção, zelo, paciência. Qual é a rota certa? Está dançando despedida deles? Vai implorar por uma filha. Um marido. E um cachorro. Depois, negará qualquer estereótipo clichê. Ela não é oito, não é oitenta. Entre a liberdade vendida pelos hippies mofados e a loucura possível das atrizes, há uma mulher que ovula.

ESCRITO ÀS 01:37:00

MARCDORES: POESIA, DESABAFO.

2 PONTOS DE VISTAS:

Leila Saads disse...

Essa última frase valeu o texto, Patrícia!

Lembrou-me uma frase que tá até no meu blog:

“Os meus pés me conduzindo – sempre – pelas veredas entre o oito e o oitenta, sem nunca optarem pelo bom senso. (Carina de Luca)”

Beijos!

29 DE SETEMBRO DE 2009 02H05

yo disse...

é um dilema que muito me persegue! Vc traduziu o que sinto nesse exato momento...é isso!

beijo

6 DE OUTUBRO DE 2009 16H07

QUARTA-FEIRA, 16 JANEIRO , 2008

Mensalmente

Há um vulcão escondido.
De onde brota sangue grosso.
Forte, quente e vivo.
Lágrimas de algo que foi morto.

Ele jorra aos montes.
Escorre entre as minhas pernas.
Limando a dor ou o amor antigo.
E muitas vezes, suja o meu vestido.

O sangue se esparrama pelo chão,
não faz cerimônias ou concessões
apenas me afoga em seus braços lânguidos.
E reafirma algo que tento esconder.

Não há fruto, não há semente.
Nem espera ou desespero.
Apenas uma mulher que colore,
de vermelho, o banheiro.

ESCRITO ÀS 23H12:00 9 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: POESIA.

SEXTA-FEIRA, 26 SETEMBRO , 2008

Água Nova

Depois de secos meses, ela decide benzer as linhas da cidade. O cheiro de terra molhada invade o asfalto e fica mais fácil sorrir sem motivo. É como se a preguiça convidasse o nosso corpo cansado da aridez quase-eterna para dar uma voltinha no parque. Trilha sonora leve, brisa calma; o céu antes colorido fica todo cinza - cinza-azulado. A noite visita o dia. É mágico ver o sol ceder espaço imediato para nossa escuridão urbana. Ela vem e abraça. Deságua desejos. Demonstra que fim é começo. Limpa, invade o peito, encharca os olhos. A chuva molha. Acalma a pele. Os traços da cidade ficam borrados. Pessoas escondidas buscam contato. A cama abraça. Espaço duplo para um corpo só. A moça se exhibe e dança sobre os antigos vidros embaçados. Ela lava a alma. É água nova sobre a cidade cimento.

Espaço duplo pra um corpo só.

ESCRITO ÀS 20:20:00 4 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: BRASÍLIA, POESIA.

TERÇA-FEIRA, 30 SETEMBRO , 2008

Ato de depilar I

Fazem caras e bocas,
cabelo, pêlo, pentelho
Crescem sem vergonha
se exibem no meu espelho.

Íntimos do tempo,
escancaram o não toque.
Me enchem de raiva.
E pedem sempre retoque.

Se alongam com a espera,
se alisam com a preguiça,
emaranhado de querereres,
é a vida que enguiça.

Gilete, pinça, cera, laser.
Exterminar o natural.
Arrancar memórias póstumias.
Minha atitude feminina e banal.

Os poros estão abertos,
os pêlos cobrem o chão.

Por que meus problemas não são arrancados com uma boa depilação?

ESCRITO ÀS 13H35:00 2 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: POESIA.

SEGUNDA-FEIRA, 01 DEZEMBRO , 2008

Take 2

Tinha um segredo. Uma espécie de jardim escondido no meio do cinza. O pedaço que só pertencia a ela. Havia sido invadido em um momento aquoso, enquanto voltava pra casa num dia qualquer à tarde. Desde sua descoberta ela visitava o local quando queria esquecer ou lembrar.

Parou o carro no acostamento. Sozinha subiu os degraus daquele enorme corredor de águas que aos seus olhos mais parecia uma escada inca. Ela costumava ver Brasília de um ângulo diferente. Adicionava sabores raros. Assim, a vida se tornava um pouco mais interessante. Gostava de voar dentro de uma bolha de sabão prestes a estourar. E quantas vezes seriam necessárias as tais explosões? Se rasgar e se costurar incansavelmente como uma aranha que tece sua teia durante a chuva.

Sentiu o gosto do sorvete antes dividido, depois o cheiro da erva. Recordou alguns entardeceres e foi lambida pelas antigas mãos daqueles passageiros. Doava poesias corpóreas para amores instantâneos. Faltava ou sobrava? Já não sabia direito o que se escondia dentro dos enormes olhos de ameixa enquanto subia sua escada.

Nos últimos três degraus, não havia mais lágrimas nos olhos. Todas aquelas luzes que desenhavam o infinito abraçavam a sua dor. Podia ver a ventania que varria seus pequeninos problemas para longe. Enfim, o centro do mundo. Pouco importava as cicatrizes agora. Estava além da ponte que cortava a cidade. Lá embaixo, os carros corriam a procura de uma felicidade inexistente. Ela sabia que era inútil continuar seguindo a mesma estrada para lugar nenhum. Quis parar ali mesmo.

Podia dar um fim para o constante vazio. Colorir o asfalto de vermelho. Se dissolver sobre o concreto que a cercava. Seria um final bonito. Preferia imaginar a sua morte de uma forma mais passional, com direito a choros, gritos e beijos de despedida.

Então abriu a bolsa, caçou o chocolate e esperou ele derreter sobre a boca. Imaginou um jazz sussurrado sobre seu ouvido. Deitou na grama, levou a mão direita até a boca, e passou o dedo indicador sobre os lábios. Devagar escorregou a mão atrás do pescoço, desenhou algo sobre os ossinhos dos ombros. Seguiu a dança até o seu seio direito, preenchendo a mão de vontade. Era cedo demais pra partir.

ESCRITO ÀS 17H24:00

MARCADORES: BRASÍLIA, CONTOS.

1 PONTOS DE VISTAS:

André Catuaba disse...

E ela chegou no final da escada e se liquefez e virou água. Bonito e molhado.

8 DE DEZEMBRO DE 2008 15:16

Minhas reticências
são três pontos
finais.

DOMINGO, 16 NOVEMBRO , 2008

Urano Conjunção Sol

Quando ele chegar, me cobrirei de verdades provisórias e terei asas nos pés cansados. Serei abraçada pela coragem da ventania. Cortarei todos os meus pêlos crescidos. Esses que diariamente pesam sobre a minha cabeça e me impedem de partir. Meus fios serão transformados em saudade, e livre de posses, marcarei peles. Dançarei um tango sobre a neve fresca da Terra do Fogo ao entardecer. Grávida de mim, aquário imenso, vou lamber o sêmen doce da dúvida. Correr solta com o vento, atrás de cura para as lágrimas secas. Vou me perder num beijo do planeta difuso. Eu, submersa e incontinua. Serei apenas letra exposta sobre o teto estrelado do mundo, quando Urano chegar.

ESCRITO ÀS 21H39:00 3 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: UMBIGO.

Para minha vó alaranjada

Ela tem um gênio do cão. Um gênio do cão e uma laranja na cabeça. Foi o que o médico disse na terça-feira de manhã. O mais estranho é que eu conheço laranjas de todos os tamanhos. É por isso que eu tenho um pouquinho de medo. Um pouquinho não, eu tenho muito medo. Um medo muito grande. Parece invasivo demais, pensar que aquele médico chato resolveu, agora, abrir a cabeça dela só pra colher uma laranja. Será que a fruta já está madura pra ser arrancada do pé? Será que a vovó não vai sentir falta daquela amiga secreta? Será que os pensamentos ainda vão ter o mesmo gosto cítrico? Nós somos iguais. Todo mundo fala. Ela também escreve e gosta de brincar de teatro. Acho que é por isso que a minha mãe me deu o mesmo nome dela: Lúcia. Significa luz. Mas não uma luz qualquer. Lúcia é uma luz muito bonita. Ela é suave e forte ao mesmo tempo. É a luz de todas as estrelas. A vovó tem a pele morena, os cabelos com cachos grisalhos e um sorriso apaixonado. De tarde, ela sempre conta uma estória pra mim. Outro dia, ela me contou que conheceu o meu avô num festival nos anos 50. O meu avô era ator de cinema, mas ele morreu há muito tempo atrás. Eu tinha só dois anos. Não me lembro direito dele. Mas a minha vó me mostrou uma foto. Pena que a imagem não tinha cor. Era um retrato preto-branco. Ela teve outros namorados também e trabalhou em muitos lugares. Foi química, professora e advogada. A vovó gostava de trabalhar. Mas agora, ela é aposentada. A gente tem os mesmos signos, só que ao inverso. Ela é libra ascendente peixes, e eu peixes ascendente libra. Ah, e lógico. Ela agora tem uma laranja. Uma laranja que vai ser colhida do pomar daqui a duas semanas. Eu ainda não tenho laranja, nem morango, nem maracujá. Só tenho o meu amor por ela. Adoro correr para os braços e pra casa da minha vó. Lá, é o meu lugar predileto. Tem gato, cachorro e um papagaio. Eu posso fingir ser outra pessoa, brincar de qualquer coisa e

me vestir do jeito que eu quero. A única coisa que eu não posso é comer porcaria. Nem tomar coca-cola. A comida da casa dela é péssima. Ela me obriga a tomar umas sopas horrorosas. Às vezes, quando ela sai da mesa, eu vou ao banheiro e jogo a sopa na privada. E peço para ela fazer um sanduiche. De noite, a gente sobe pro terraço e olha as estrelas. A vovó quase foi abduzida por um disco voador. Acho que é por isso que eu morro de vontade de ser abduzida. Eu queria conhecer de perto os planetas que a gente espia no telescópio. Depois, quando eu vou dormir, ela limpa os meus pés com um paninho molhado. E o melhor, sempre me deixa dormir com o gato que eu escolher. Minha mãe odeia os gatos da vovó, diz que eu tenho alergia, mas nunca tive isso quando durmo com o gato na cama dela. Acho que a cama da minha vovó é antialérgica. No carnaval, ela costura fantasias para todas as netas. Cada ano, um bloco diferente. Eu já me fantasiei de melindrosa, de onça e de diabinha. Adoro passar carnaval com a vovó. Ela é uma carnavalesca de primeira. Leva a gente pra todos os bailes e compra um monte de confete. Uma vez, ela me deixou dormir depois da meia-noite. A minha mãe reclama e diz que ela é moderna demais. Tão moderna que inventou de criar uma laranja na cabeça. Vê se pode? Mas tudo bem. Nada de ruim acontece com ela. Nem comigo. Nós duas somos Lúcia. E Lúcia significa luz. Quer saber? Tenho certeza que daqui a duas semanas, vamos tomar um delicioso suco de laranja em pleno carnaval, bem do jeito que a minha vó gosta.

ESCRITO ÀS 22H40:00

MARCADORES: CONTOS.

3 PONTOS DE VISTAS:

Len disse...

Você tem um pomar de pitangas dentro de você menina. Azedas, mas se tiradas na hora certa, doces e vermelhas. Você pitanga, sua vó laranja. Escuta uma música: new slang- the shins. Acho que ela se encaixa a você nesse momento.

6 DE JULHO DE 2008 19H56

Adriana Lodi disse...

Amiga, serão muitas jarras a serem entornadas.

Sucos de tudo, de vida! Fabulosa declaração de amor!

8 DE JULHO DE 2008 23H03

AB disse...

Minha vó já se foi. Mas era como a sua, só que cozinhava muito bem, o que era vantagem. A menos de cinco anos de morrer, com mais de oitenta, ainda subia em cajueiro; minha mãe, minha mãe não dá conta nem de andar direito. As velhinhas eram mais duráveis. Finge que a sua subiu num pé de laranja pra retirar esse fruto podre pra árvore continuar dando bons frutos. Torço por vocês.

13 DE JULHO DE 2008 09H59

SEGUNDA-FEIRA, 25 OUTUBRO, 2010

Descalça

Eu deveria falar dessa dor que se instaura dentro de um peito semi-preenchido. Da necessidade plena de andar descalça. De doar aos pés, os novos caminhos e areias intocadas. Gostaria de beijar a anarquia. Falar do meu egoísmo, do meu medo do correto e do receio da inércia emocional. Queria aceitar as partes estranhas de um todo quase vazio. Explicar que o suspiro vale mais que a certidão de casamento. Hoje, eu deveria pixar em todos os muros: o destino é o acaso de Deus.

ESCRITO ÀS 02H53:00 1 PONTOS DE VISTAS

MARCADORES: DESABAFO, POESIA, UMBIGO.

SEXTA-FEIRA, 30 ABRIL , 2010

Subtexto

Poderia morrer essa madrugada, esfaçalhada no concreto. Ou submersa no Lago Paranoá. Virar comida de peixe, lenda urbana, pedaços de seca. Conseguir me espalhar por todos os monumentos brancos, dores pingadas de um lamento. Rabiscar essa espera infinita e fazer um quadro abstrato com cores frias. Não passar pelo caminho da tua casa, não sentir a lembrança estampada no meu rosto marcado. Ser um pequeno azulejo quebrado do parque da cidade. E cessar qualquer esperança chula de uma felicidade mofada.

ESCRITO ÀS 02H46:00

MARCADORES: BRASÍLIA, POESIA.

1 PONTOS DE VISTAS:

Cineasta 81 disse...

Que deprimente.

8 DE MAIO DE 2010 00H59

SÁBADO, 31 MAIO , 2008

Dolorida

Ama-dor
Bebe-dor
Consome-dor
Destila-dor
Escorre-dor
Facilita-dor
Grava-dor
Habilita-dor
Investiga-dor
Joga-dor
Lastima-dor
Media-dor
Navega-dor
Ouvi-dor
Perde-dor
Queima-dor
Refrigera-dor
Seca-dor
tritura-dor
Usurpa-dor
Vence-dor
Xinga-dor
Zela-dor
Com - puta - dor

ESCRITO ÀS 14H59:00 2 PONTOS DE VISTAS
MARCADORES: POESIA.

QUARTA-FEIRA, 7 MAIO , 2008

Desabafo

Vontade de vomitar tudo. De gritar para os quatro cantos. Desentupir a garganta, o coração e a cabeça. Esquecer toda essa dor envolvida e embalada pra viagem. Por que o mundo resolveu despencar logo quando eu estava tão ocupada? Pais acidentados, pé na bunda, britadeira no ouvido e uma tentativa de suicídio básica. Risos nervosos de uma desconcentração infantil. Sorriso falso, lugar falso, dor verdadeira. Você luta com o mundo inteiro pra fazer isso e as lágrimas que deviam aparecer no palco, caem no banheiro infectado de formigas sedentas. Da onde vêm todas essas formigas ridículas? Só. De novo só. Errei o lugar, a pessoa, a esperança, a porra toda. “Espera que passa”. E a espera, passa? Não, pulsa. É como se não adiantasse fugir, mudar o foco, olhar para lado. O barco furado. A garganta entupida pede pra falar, mas a voz não sai. E eu continuo parada, com o disfarce de sempre, enquanto o mundo vai se desmoronando rapidamente. Quer saber? Queria um doce, ou então, morrer um pouco de vez em quando.

ESCRITO ÀS 1H03:002

MARCADORES: DESABAFO, UMBIGO.

2 PONTOS DE VISTAS:

Espera disse...

eu prefiro morrer um pouco de vez em quando

10 DE MAIO DE 2008 21H15

uma menina colorida, disse...

Estava procurando algo que se parecesse com meu dia de hoje. Encontrei aqui.

Mas não morre não. E escreve sempre.

beijo

20 DE MAIO DE 2008 12H04

SEGUNDA-FEIRA, 23 MARÇO , 2009

Posfácio

Uma enorme vontade de desistir. Simples assim. De esmagar todos eles com uma força sobre humana. A vida não é feita só de palavras bonitas. Há outras. Milhões delas. Que vagam por aqui. É preciso engolir muito sal até alcançar alguma coisa. E no final, as contas provavelmente não serão pagas. Levantar a bandeira, correr atrás, se expor ao ridículo; Será que é por vaidade ou ideologia? Os aplausos não continuam quando você tira a maquiagem.

ESCRITO ÀS 23:12:00

MARCADORES: DESABAFO.

1 PONTO DE VISTA:

André Catuaba disse...

A vida é feita de um zilhão de palavras e bem poucas delas bonitas, a maioria, até mesmo carente, de qualquer sentido. Continentes conceituais onde atracam navios lotados de nada. É longe. Mas por que eu iria desistir?

24 DE MARÇO DE 2009 23H46



